

## LUTAS E CONFLITOS SÓCIOAMBIENTAIS NO TERRITÓRIO DO ZÉ AÇU/ AÇU/PARINTINS/AMAZONAS

Charlene Maria Muniz da Silva<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho teve como objetivo apresentar os principais conflitos socioambientais no território do Zé Açú, município de Parintins, e como os mesmos interferem na sustentabilidade dessa localidade, comprometendo assim a qualidade de vida dos ribeirinhos que ali vivem. A pesquisa foi pautada em multimétodos, utilizando para a coleta de dados: formulários e entrevistas, aplicado aos moradores da localidade. Foram constatados 04(quatro) problemas ambientais mais graves no Zé Açú, sendo estes: assoreamento do lago, desmatamento para a pecuária, extração mineral e o aumento na produção de resíduos sólidos com sua destinação inadequada.

**Palavras-chave:** Ambiente, Ribeirinhos, Conflitos.

### Introdução

No Amazonas ocorrem mudanças e permanências nas comunidades ribeirinhas, que possuem *modos* de vida particular. Fauna e flora estão diretamente ligadas à vida dos ribeirinhos, que vivem à margem de rios, lagos e igarapés, onde criam sua identidade individual e coletiva. Nesses lugares, a relação homem-natureza está presente de forma mais intensa, pois os mesmos mantêm atividades cotidianas com água, terra e floresta.

No entendimento da complexidade amazônica das comunidades ribeirinhas, devemos considerar a dinâmica terra, floresta e água, em que os ribeirinhos em seu trabalho e *modos* de vida mantêm relações diretas com a várzea e terra firme, possuindo um domínio particular do ambiente natural nas atividades desenvolvidas no roçado e lago onde exercem sua territorialidade.

O território do Zé Açú, localiza-se a 15km por via fluvial da sede municipal de Parintins, no Estado do Amazonas, a referência territorial dessa localidade está diretamente relacionada ao Lago do Zé Açú, que tem sua importância tanto do ponto de vista da logística (via de acesso

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Amazonas- charlenemds@yahoo.com.br

às comunidades e com a cidade de Parintins) como lugar do lazer e descanso, fonte de alimentos e da vida para os ribeirinhos que moram em suas margens. É, também, a fonte de água para beber (pois algumas comunidades ainda consomem a água diretamente do lago, para beber, fazer a comida e demais usos), dentre outras funcionalidades que o lago tem na vida dessas pessoas.

O território do Zé Açú, está sendo constantemente pressionado em relação as suas terras, florestas e águas, por agentes econômicos oriundos da cidade e de regiões próximas. Causando assim conflitos de ordem econômica, ambiental e social.

As categorias geográficas território e lugar foram a base teórico-conceitual para pensarmos as territorialidades no Zé Açú. Autores como Haesbaert (2009, 2013), Saquet (2006, 2007, 2009, 2011), Claval (2007, 2011), Heller (2008), Oliveira (2014), Tuan (1980) e Bourdieu (1979) ajudaram a pensar essas categorias analíticas, fazendo a inter-relação com o *habitus* e *ethos* dos ribeirinhos.

## **Procedimentos Metodológicos**

A presente pesquisa visou apresentar os principais conflitos socioambientais no território do Zé Açú, município de Parintins e como as mesmas interferem na sustentabilidade dessa localidade, comprometendo assim a qualidade de vida dos ribeirinhos que ali vivem.

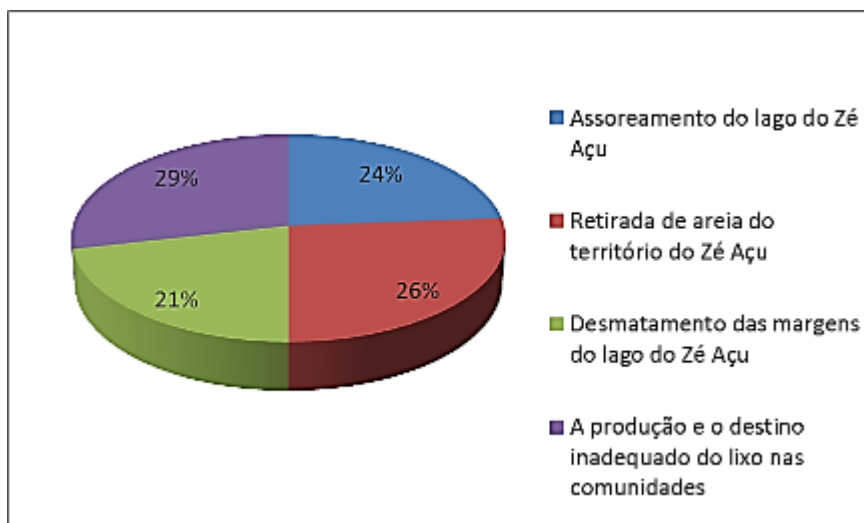
Este estudo foi conduzido com base em multimétodos ou triangulação, cujo objetivo é abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo, integrando métodos qualitativos e quantitativos na mesma pesquisa (GOLDENBERG, 2004).

Foi utilizado para a coleta de alguns dados o levantamento tipo *Survey*, com aplicação de **formulários**, com questões de múltipla escolha e abertas, de caráter socioeconômico (renda, atividade econômica, benefícios sociais), sobre saúde (tipos de doenças, atendimento médico, serviços de saúde) e questões ambientais (infraestrutura, esgoto, resíduos sólidos, qualidade ambiental dos ecossistemas). Foram realizadas **entrevistas (individuais e coletivas)**, padronizadas, com roteiro semiestruturado e gravadas para facilitar a análise. As entrevistas com os sujeitos da pesquisa consistiram em importante instrumento, possibilitando a

compreensão desses lugares a partir de inúmeras características, ou seja, compreensão do mundo vivido onde foi possível verificar como os mesmos apreendem as mudanças pelas quais esse território está passando, assim como suas perspectivas em relação ao futuro.

## Resultados e Discussões

Foram constatados 04(quatro) problemas ambientais mais graves no Zé Açu, sendo estes: assoreamento do lago, desmatamento para a pecuária, extração mineral e o aumento na produção de resíduos sólidos com sua destinação inadequada (Fig.01). Os três primeiros são causados, principalmente, por agentes externos, ou seja, os de “fora” do Zé Açu, como os grandes pecuaristas e empresas da construção civil( como trata-se de fazendeiros e empresários conhecidos na cidade, não podemos citar seus nomes neste trabalho, porém os mesmos vem atuando a bastante tempo no local). E o último está se intensificado devido à mudança na forma de consumo de alimentos e no estilo de vida cada vez mais parecido com o da cidade.



**Figura 01- Principais problemas ambientais no Zé Açu.**  
**Fonte: Trabalho de campo, 2014.**



**Figura 02- Lixeira a céu aberto.**

**Fonte: Trabalho de campo, 2014. (Foto: Charlene Muniz).**

Em detrimento das problemáticas ambientais ocasionadas pelos resíduos sólidos na comunidade do Bom Socorro do Zé Açu, constatamos que os moradores da comunidade estão sempre fazendo mutirões de limpeza na frente da comunidade. Nesse sentido, o senhor C.M.N, 39 anos, diz que:

*[...] o segundo impacto maior é a questão do lixo, o que fazer com o lixo? tá, muitos não sabem o que fazer, qual destino realmente se dá ao lixo? a comunidade tem uma área aqui cavada que é pra fazer o aterro pra se colocar o lixo, mas muitos deles num colocam nem no lugar certo, já foram feitas campanhas pra colocar o lixo lá no local, muitas pessoas foram pra lá, trabalharam, aí passou uma semana o lixo já tava de novo todo espalhado, até pela margem da estrada. Então a consciência do povo é que faz com que muitas vezes, muitos só querem cobrar, mas muitas vezes não querem fazer presente nas hora dessas ações, é muito fácil dizer assim, “ah o fulano tem que fazer”, mas no fundo do meu quintal eu não cuido, aí eu já olho lá na frente o outro que tá fazendo, quer dizer, a educação vem primeiro de onde? Na minha casa que tá cheio de lixo, bom se eu não sei o que fazer com o lixo da minha casa, como é que eu vou cobrar da comunidade que tem que fazer isso, se eu não tou inserido nesse papel?*

No depoimento o senhor C.M.N. mostra-se indignado com a falta de sensibilização de alguns comunitários, que não têm a preocupação com a destinação correta dos seus resíduos sólidos. Segundo ele, os comunitários preocupam-se apenas em cobrar ou exigir a comunidade limpa, mas não fazem nada para resolver ou amenizar tal problema.

Cabe ressaltar aqui que, segundo alguns moradores, o problema do despejo dos resíduos sólidos nas margens das ruas de acesso à área determinada pela coordenação da comunidade para a destinação, se dá pelo fato das pessoas mandarem principalmente as crianças realizarem o serviço de despejo dos resíduos na lixeira, sendo que, devido a distância do centro da comunidade (aproximadamente um quilômetro), muitas dessas crianças vão jogando esses resíduos na metade do percurso.

A Figura 03 mostra a realidade acerca do destino dos resíduos sólidos, citado pelo senhor C.M.N.



**Figura 03: Acúmulo de resíduos sólidos no percurso da lixeira.**  
**Fonte: Trabalho de campo, 2014. (Foto: Charlene Muniz).**



A questão dos resíduos sólidos é um problema sério nas grandes cidades. No Brasil, são poucas as cidades que dão destinação correta a seus resíduos, tratando-os, separando-os e despejando-os de uma forma que não venha a causar danos ao ambiente.

E pelo que foi constatado, não só no local dessa pesquisa, mas em outras áreas rurais, é o aumento produção de resíduos sólidos não orgânicos, incorrendo na dificuldade no destino final. Como afirma Andrade (2011, p. 25), o enfrentamento dessa questão “requer, ainda, mudanças no âmbito privado e público”

Esses problemas já causam transformações diretas no lago, afetando também os ribeirinhos do Zé Açú, pois os fazendeiros, ao desmatarem para a pecuária na maioria das vezes não respeitam as reservas legais, cortando a vegetação até a margem do lago, incorrem desta forma no assoreamento do mesmo pelas constantes quedas de terras. Ademais, com a exposição do solo às chuvas ocorre o surgimento de grandes voçorocas, que estão soterrando várias nascentes no lago do Zé Açú(Fig.04).



**Figura 04: Voçoroca próxima às margens do Lago do Zé Açú.**  
 Fonte: Trabalho de campo, 2014. (Foto: Charlene Muniz).

As consequências dessas ações no lago já começam a afetar a vida dos ribeirinhos por interferir na reprodução da fauna aquática, e sua consequente diminuição. Isso faz com que os ribeirinhos tenham dificuldade na pesca e no consumo dessas proteínas animais. Somando-se a

isso, o aumento populacional nos últimos anos no Zé Açú torna o problema da falta de peixe ainda mais grave, obrigando-os muitas vezes a comprar peixes das outras comunidades rurais. Como relatou o senhor L.L.S, 46 anos.

*Antigamente era uma enorme quantidade de peixes no lago, né, saímos e rapidamente era pescado para o consumo e venda, mas com o tempo a pesca predatória foi acabando essa quantidade de peixes em nosso lago. Ainda temos uma relação com o nosso lago, né, é porque foi nossos pais e tios que olhando eles fazerem seus materiais de pesca, né, aprendemos junto com eles. É no fazer e no praticar, todos os dias faço mesmo que eles faziam a muitos e muitos anos atrás, e lá me sinto bem devido o lago me dizer um pouco de minha história nesse conhecimento que levo. É por isso que defendemos o lago, porque ele é nosso, me criei e vivi aqui, então é nosso esse local. Mas agora as atividades se complementam, por que planto roça e pesco, tiro das duas atividades né uma renda, mas pesco para a sobrevivência de minha família. (Pesquisa de campo, 2013).*

O pescado nos dias atuais está difícil, como relata o pescador acima, as espécies antes eram abundantes no lago, os pescadores saíam para o local de pesca com a família ou em grupo, e pescavam uma quantidade suficiente para o consumo da família, e o que sobrava era vendido.

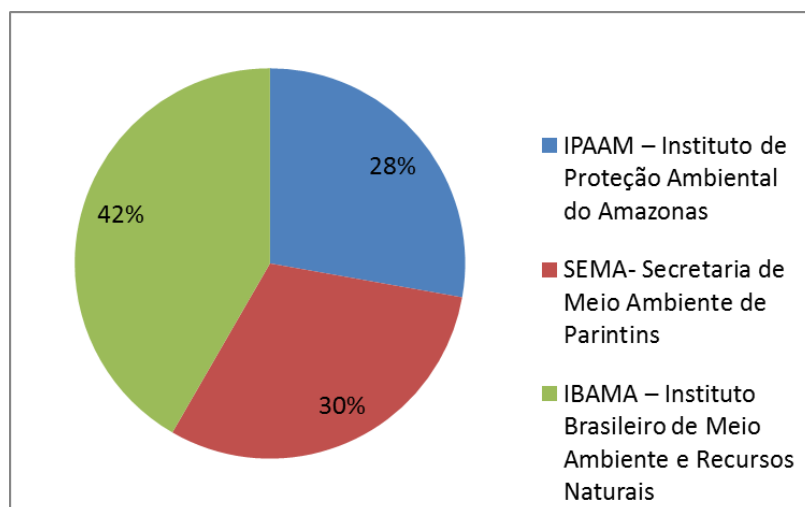
Mas nos dias atuais essa abundância de peixes, não se encontra mais no Zé Açú, como confirmado pelos depoimentos dos pescadores.

Dentre os fatores que causaram a escassez do pescado estão as alterações na paisagem natural devido ao desflorestamento para a plantação de pastos, que acaba causando a erosão nas margens do lago, implicando em alterações físico-químicas da água e também essa remoção da vegetação ciliar, que serve de alimento para certas espécies de peixes, acaba refletindo diretamente na reprodução dos mesmos, assim como até o aumento populacional da localidade, visto que os próprios moradores falam que antes existia fartura tanto em peixes como outros animais como os quelônios; pássaros e outras animais para a caça, e agora com uma população de mais de mil habitantes isso já não existe mais.

Com o aumento populacional e as alterações no ecossistema local, os recursos disponíveis tanto para alimentação como para a obtenção da renda por meio da venda do excedente correspondente à pesca e à agricultura não são mais fartos como outrora.

Alguns moradores apenas praticam a pesca para complementar sua alimentação, pois em muitos casos os moradores preferem comprar outros tipos de alimento como frango congelado, carne, conservas e enlatados. Isso indica que, principalmente na comunidade de Bom Socorro, vem ocorrendo uma mudança nos hábitos alimentares, ora antes baseada principalmente no peixe e na carne de animais de criação (galinhas, patos e porcos) como também na carne de caça (capivaras, tatus, aves silvestres), agora está sendo introduzido de maneira intensa os produtos industrializados oriundos da cidade.

Constatou-se que no Zé Açú a atuação dos órgãos ambientais, tanto por parte da Secretaria de Meio Ambiente (SEMA), do Estado, pelo Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (IPAAM) como do governo federal, pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), é diminuta. Essas esferas não estão presentes de forma constante, e muitos dos moradores reclamam que quando se dirigem a esses órgãos, tanto para denunciar um crime ambiental como para solicitar alguma ação/intervenção, não são atendidos em seus pleitos e muitas vezes são ignorados nessas instituições.



**Figura 05- Órgãos que deveriam atuar no local.**  
**Fonte: Trabalho de Campo, 2014.**

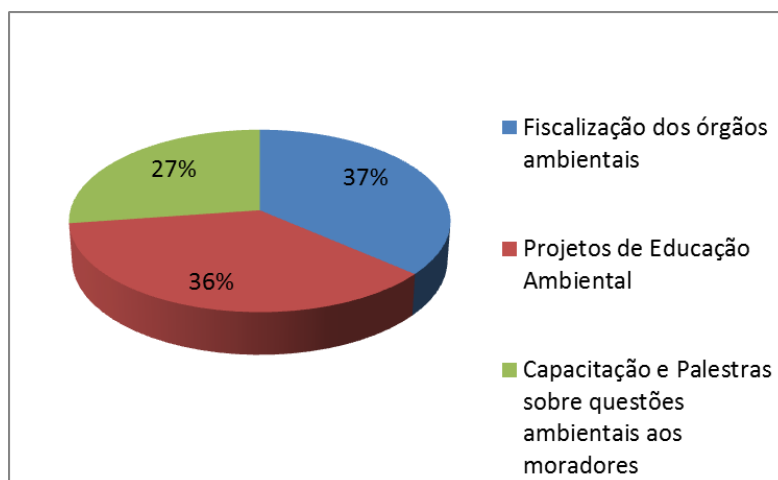
São necessárias, principalmente por parte de outras instituições, tanto de ensino como de pesquisa, atividades de esclarecimento relativas às questões ambientais no Zé Açú, para que se possa dar empoderamento e ajudar essas pessoas a se organizarem e formarem grupos para buscar junto aos órgãos governamentais maior cumprimento da legislação ambiental no Zé Açú. O que encontramos ali, principalmente por parte dos agentes econômicos representados pelos



pecuaristas e empresários, foram sérias infrações ambientais, principalmente relacionadas ao desrespeito às reservas legais, à falta de um Estudo de Impacto e Relatório de Impacto Ambiental (EIA e RIMA) para extração de minério (areia).

Não existe nenhuma contrapartida na minimização ou mitigação dos impactos ambientais já produzidos, muito menos ações no sentido de evitar os efeitos negativos de suas atividades aos ribeirinhos do Zé Açu, que estão vendo o seu ambiente natural e seus *modos* de vida seriamente ameaçados, caso nada seja feito essas atividades continuarão degradando seu ambiente.

A mitigação dos problemas ambientais não é fácil e talvez as medidas sugeridas não sejam suficientes para resolver todos os problemas, pois, como afirma Porto-Gonçalves “a problemática ambiental é, sobretudo, uma questão de ordem ética, filosófica e política” (2013, p. 15). Seria necessária, em muitas instâncias, uma transformação na própria concepção de sociedade que temos hoje.



**Figura 06- Quais atividades poderiam melhorar a qualidade ambiental no Zé Açu.**

**Fonte: Trabalho de Campo, 2014.**

Os moradores apontam algumas atividades que deveriam ser realizadas pelos órgãos ambientais. Eles também afirmam que tanto os órgãos governamentais como a escola e universidades poderiam ajudar o Zé Açu por meio de palestras às comunidades e a execução de projetos em Educação Ambiental, para que as pessoas possam se sensibilizar sobre os

problemas existentes e fazer a sua parte para amenizar e até mesmo evitar, assim como ganharem mais força para reivindicar junto ao poder público. A escola tem um papel fundamental, segundo os moradores, para repassar as informações às comunidades, pois é a instituição que está mais próxima a eles e que respeitam e valorizam muito (Figura 06).

### **Considerações Finais**

A compreensão das dimensões socioculturais dos sujeitos que dão vida e dinamicidade ao território é uma questão chave nas reflexões sobre a sustentabilidade dos sistemas sociais e ambientais. Somente por meio do conhecimento profundo das concepções de vida e ambiente dos grupos societário que vivem nesses territórios rurais (seus reais interesses e necessidades) é possível compor um quadro analítico capaz de auxiliar nas políticas de gestão dos territórios que venham a contemplar a qualidade de vida para essas pessoas.

As discussões deste estudo auxiliam na compreensão da forma como as sociedades rurais estabelecem suas redes de conexões, as quais envolvem troca de informações entre essas comunidades, intercâmbios culturais, tomadas de decisões relacionadas à forma de organização do território e o uso pelos ribeirinhos, entre outros aspectos importantes do ponto de vista acadêmico, que podem servir como ponto de partida para outras pesquisas do gênero.

A reflexão sobre a sustentabilidade deve contemplar as dinâmicas sociais, econômicas, culturais e ambientais como um todo. Essas questões estão presentes na vida dos povos de comunidades tradicionais, e têm reflexo direto na forma de apropriação e uso de seus territórios. Por isso, a importância de conhecer e respeitar o *habitus* e *ethos* ambiental dos ribeirinhos do Zé Açú, destaque nesta pesquisa. Para que seus territórios de vida sejam mantidos e legitimados, possibilitando a continuidade da (re)produção de seu *modus* vida.

### **Referências Bibliográficas**

**BOURDIEU, Pierre. O desencantamento do Mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

CLAVAL, Paul. “**A volta do cultural**” na geografia. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002.

\_\_\_\_\_, Paul. **A geografia Cultural**. 3º ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

\_\_\_\_\_, Paul. **Geografia cultura: um balanço**. Revista de Geografia de Londrina, v.20, n.03, p.05-24, set. / dez. 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. Identidades Territoriais. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural: uma antologia**, v. II . Rio de Janeiro; EdUERJ, 2013.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido do lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. **Qual é o espaço do lugar**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SAQUET, Marcos, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial das relações urbano-rurais no Sudoeste paranaense. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.